

Esteatose hepática e câncer de fígado: um alerta que cresce

Entre os fatores que contribuem para o avanço da doença estão o sedentarismo, o excesso de peso e a obesidade

Fernando Maluf

A esteatose hepática, conhecida popularmente como gordura no fígado, deixou, há tempos, de ser um achado ocasional nos exames de imagem. Hoje, é uma das doenças que mais crescem no país e já preocupa especialistas pelo seu impacto direto na saúde hepática e pelo risco aumentado de evoluir para condições graves, como cirrose e câncer de fígado.

O acúmulo de gordura nas células do fígado pode desencadear inflamação e fibrose quando não tratado. São etapas que, ao longo dos anos, abrem caminho para o desenvolvimento do carcinoma hepatocelular –o tipo mais comum de tumor hepático.

Entre os fatores que contribuem para o avanço da doença estão o sedentarismo, o excesso de peso, a obesidade e as doenças metabólicas, como a diabetes tipo 2. A mudança no perfil populacional brasileiro, cada vez mais impactado por hábitos alimentares inadequados e pela redução da atividade física, também tem ampliado a prevalência da esteatose. É um problema de saúde comum no Brasil, afetando aproximadamente 30% a 35% da população adulta.

Por isso, médicos reforçam que o diagnóstico precoce e o acompanhamento contínuo são essenciais para evitar que a gordura acumulada no fígado progrida para quadros irreversíveis.

TRATAMENTO DO CÂNCER E ESTEATOSE

Além das causas mais conhecidas, há um aspecto que tem chamado a atenção dos profissionais de saúde: o aumento da esteatose hepática como efeito colateral de tratamentos oncológicos. Esse fenômeno tem ocorrido com maior frequência

nos últimos anos e se tornou uma preocupação crescente entre oncologistas e hepatologistas.

Algumas terapias anti-hormonais, como tamoxifeno e inibidores de aromatase, podem favorecer o acúmulo de gordura no fígado. O mesmo vale para certos quimioterápicos, que interferem no metabolismo hepático.

Esses medicamentos, fundamentais no controle de diversos tipos de câncer, podem levar também ao ganho de peso –o que naturalmente contribui para o aumento da gordura corporal e, conseqüentemente, para a esteatose.

Embora, na maioria das vezes, o quadro induzido por medicamentos seja leve, não deve ser subestimado. Em graus mais altos, a esteatose pode comprometer o funcionamento do fígado e criar complicações sérias. Por isso, o acompanhamento regular, com exames laboratoriais e de imagem, é indispensável durante e depois do tratamento oncológico.

A combinação entre a crescente prevalência de esteatose hepática no Brasil e seu vínculo com terapias contra o câncer reforça a importância da vigilância médica e de estratégias que envolvam alimentação equilibrada, atividade física e monitoramento contínuo. Prevenir a progressão da gordura no fígado é uma parte essencial do cuidado integral.

<https://www.poder360.com.br/opiniao/esteatose-hepatica-e-cancer-de-figado-um-alerta-que-cresce/>

Veículo: Online -> Site -> Site Poder 360